

Ver o passado

MENEZES, Paulo Roberto de Jesus. *Quem não é visto não é lembrado. Biografia, retrato, prestígio e poder no Brasil do Século XIX (1800-1860)*. Editora Appris, 2023.

Tainara Aparecida de Carvalho¹

A difusão do conhecimento histórico no Brasil oitocentista teve nas imagens um instrumento fundamental. É o que demonstra o livro *Quem não é visto não é lembrado. Biografia, retrato, prestígio e poder no Brasil do Século XIX (1800-1860)*. Fruto da tese de doutorado defendida por Paulo Roberto de Jesus Menezes, em 2016, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a obra destaca como os historiadores do século XIX, desejosos de pensar o passado de uma nova forma, incorporaram retratos em textos dedicados a biografias.

A questão central é: como se constituiu a articulação entre texto e imagem na sociedade brasileira oitocentista? Assim, Menezes se propõe a refletir sobre a importância adquirida pela experiência visual naquele período; sobre as formas pelas quais se estabeleceu a relação com o passado e, finalmente, sobre os modos de produção e difusão do conhecimento histórico fora dos espaços institucionais de elaboração das historiografias nacionais.

O livro possui 4 capítulos, além da introdução, considerações finais e referências. Nos dois primeiros, o autor revisa a historiografia referente ao tema e explora questões teórico-metodológicas da área onde seu próprio trabalho se situa. O leitor é introduzido nas discussões em torno das figuras biografadas naquele período, na produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e no papel que esses trabalhos biográficos assumiram no

¹tainara.carvalho@aluno.ufop.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9537-1842>. Data de Submissão: 19 nov. 2025.

processo de construção da nação brasileira. Os dois últimos capítulos são os mais instigantes. Neles, Menezes explora suas fontes — as Galerias de Pessoas Ilustres, denominação genérica que o autor lhes atribui — e demonstra como a linguagem escrita e a visual andaram lado a lado na cultura histórica do século XIX.

As fontes utilizadas na pesquisa são expressivas: *Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa*, com edições em 1806 e 1817; *Retratos dos grandes homens da nação portuguesa em estampas com epítomes das suas vidas*, de 1844; *Biografias das personagens ilustres de Portugal*, de 1840; *Coleção de retratos de todos os homens que adquiriram nome pelo gênio, talentos, virtudes &C desde o princípio do mundo até os nossos dias*, de 1816; *Galeria dos Brasileiros Ilustres* de 1859/1860 e *Galeria Pitoresca da História Portuguesa* de 1842. A edição de *Quem não é visto não é lembrado* traz muitas reproduções coloridas em boa qualidade, o que faz toda a diferença em um livro que aborda, justamente, a importância da linguagem visual para a produção histórica.

De forma geral, o autor não descreve exaustivamente suas fontes. As produções biográficas do século XIX são mencionadas como exemplos dos aspectos discutidos e, em muitos casos, comparadas entre si. Embora faça alguns comentários sobre os textos presentes nesses documentos, o foco de Menezes recai nas imagens e em todos os símbolos que elas carregam. Assim, ele recorre a autores do campo da História da Arte, como Paulo Knauss, Ernst Hans Gombrich e Heinrich Wölfflin, e da História Cultural, como Peter Burke e Roger Chartier. Indo além, também cita com frequência os trabalhos de sociólogos, como Norbert Elias, e de filósofos, como Charles Taylor.

Valioso em muitos aspectos, o livro, entretanto, apresenta falhas de revisão, incluindo alguns erros ortográficos. No que se refere à análise, seria também desejável que, ao abordar a relação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) com a experiência visual, o autor destacasse como a Revista do IHGB adotou muito timidamente o uso de imagens. Na verdade, as biografias publicadas por essa revista raramente apresentavam imagens: de 1839 a 1889, apenas

duas figuras históricas tiveram seus rostos impressos nas páginas da revista, o que mereceria uma análise explicativa².

O trabalho de Menezes reúne, de forma inédita, um conjunto de fontes de diversas origens e demonstra a importância das imagens na cultura histórica do século XIX. A obra se torna ainda mais instigante pela forma como transita entre diferentes campos de estudo, ultrapassando os limites da História da Historiografia Brasileira para aventurar-se nos debates próprios da História Cultural. Todos esses aspectos fazem do livro uma leitura estimulante tanto para estudantes de graduação em História e pesquisadores dedicados à produção historiográfica do oitocentos, quanto para acadêmicos interessados na introdução e no uso das imagens no Brasil. Apesar das adaptações feitas com o objetivo de tornar a obra mais comercial, o conteúdo e formato semelhantes ao da tese defendida em 2016 e as extensas citações de textos do século XIX desestimulam o possível interesse pelo público leigo.

² A primeira biografia ilustrada publicada pelo Instituto, citada por Menezes em seu trabalho, fazia referência à vida de Salvador Correa de Sá e Benevides e pode ser encontrada na edição de 1841 da Revista do IHGB. A segunda biografia focaliza Domingos Caldas Barboza e foi publicada em 1851. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Salvador Corrêa de Sá e Benevides. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 3, 1841, p. 100-119. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Domingos Caldas Barboza. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 14, 1851, p. 447-460.

Referências Bibliográficas

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Salvador Corrêa de Sá e Benevides. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 3, 1841, p. 100-119.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Domingos Caldas Barboza. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 14, 1851, p. 447-460.

Submetido em: 19/11/2025